



rumores e ruídos

BOFETADAS LITERÁRIAS

Na sexta passada, o jornal “O Globo” transcreveu alguns trechos do evento “O encontro de Nelson Rodrigues e Arnaldo Jabor”, realizado no POP (Polo de Pensamento Contemporâneo), no Rio de Janeiro. Nessa leitura que fazemos em cascata pela internet, de uma página para outra, encontrei matéria publicada pelo Arnaldo, no estadao.com.br, em 22 de maio, com a íntegra dessa “conversa”.

Uma das teses de Jabor é de que o polêmico dramaturgo, que completaria 100 anos, empreendeu uma faxina no teatro e na prosa nacionais semelhante à que João Cabral fez na poesia. A partir dessa constatação (nem sempre perceptível pela crítica), faz um mapa da contribuição rodrigueana para a cultura brasileira tão avessa ainda às obviedades cotidianas, à poesia que se arrasta no chão e ao comezinho das pulsões indomáveis.

Para destrinchar os caminhos dessa varredura, o crítico relembra a metáfora esportiva criada por Nelson para classificar o beletrismo de nossa cultura. Disse que enquanto o Fluminense foi perfeito não fez gol nenhum, mas, quando desistiu de ser tão Flaubert, os gols jorraram aos borbotões, pois a obra-prima na arte e no futebol tem de ser imperfeita. Concordo e me amparo nos versos de Eucanaã Ferraz, poeta contemporâneo: “Isso:/ toda palavra é defeito”.

Essa procura pelos “detritos do cotidiano” pode ser analisada tanto pelo ordinário de nossos desejos sufocados pela censura de uma moral hipócrita que insiste em querer varrer para baixo do tapete o abjeto que também nos constitui, como pelo sublime que só alguns artistas conseguem nos ensinar a ver nos fatos, porque, como já nos advertira Oswald de Andrade, evocado por Arnaldo Jabor, “a poesia existe nos fatos”. Para Nelson, na empada, na sardinha frita, nos torcedores desdentados.

Banindo metáforas, explorando a magia dos fatos, Nelson Rodrigues secou a literatura de seus excessos e adjetivos, como penso também o fizeram



outros vários em nossas letras, por uma espécie de lirismo torto e minimalista, corroendo as traças da oratória, dos circunlóquios e da redundância - esta sim uma unanimidade burra.

Cada leitor com alma de faxineiro deve estar aí revolvendo suas estantes e selecionando alguns exemplos das grandes obras, aquelas cuja imperfeição é rumorosa e fértil. Como o Arnaldo já mencionou o Oswald, destaco alguns outros escritores do século XX – o século em que a imperfeição se solenizou. “Abaixo os puristas!” Bradava Bandeira. “Poesia, te escrevo/agora: fezes, as/ fezes vivas que és.” Sugeria Cabral. Todos herdeiros da “mosca alegre da putrefação” de Augusto, o dos Anjos!

Penso em Manuel Bandeira, contemporâneo dos Andrade, que, em exercício de depuração, vai despidendo a lua de todas as “metáforas gosmentas” no poema “Satélite”: “ Desmetaforizada, / Desmitificada, / Despojada do velho segredo da melancolia, / Não é agora o golfão de cismas, / O astro dos loucos e dos enamorados, / Mas tão-somente / Satélite (...) Demissionária de atribuições românticas, / Sem show para as disponibilidades sentimentais! / Fatigado de mais-valia, / Gosto de ti assim: / Coisa em si, / - Satélite.”

O mesmo Bandeira que já havia proclamado, em 1918, que, aos pulos, saíam da penumbra os sapos, aqueles com papos enfunados que desconheciam a difícil arte de um verso branco capaz de colorir a alma de leitores fartos do lirismo bem comportado, funcionário público, com livro de ponto, expediente e cartas de apreço ao senhor diretor.

Arnaldo faz coro à posição de muitos críticos literários que tomam João Cabral de Melo Neto como um divisor de águas ou como um “instaurador de discursividades”, conforme Foucault entende as obras dos que podem ser chamados verdadeiramente autores. Tanto é assim que faz germinar flores no charco das fezes e, no ato de escrever, cata palavras como feijão, jogando fora o leve, o oco e a palha que boiam. “Catar feijão” é poema que faz parte da arte poética de Cabral: a educação pela pedra. Pois para ele “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: / obstrui a leitura fluviante, flutual, / açula a atenção, isca-a com



rumores e ruídos

o risco”.

Mas é tão difícil querer correr riscos. Tão melhor para nós leitores deixarmos-nos levar pelas caudalosas águas da leitura fluviante, ininterrupta, sem sustos, sem tormentas e sem icebergs que possam naufragar nossos sonhos tão ordeiros e límpidos. Eucanaã Ferraz nos diz categoricamente que, embora o poeta insista (“brune, lava, escoda”), já não sonha o perfeito, porque o canto é isso mesmo. Isso: toda palavra é defeito.

Era esse o óbvio ululante de que nos falava Nelson Rodrigues.

